



ENCONTRO #20

JESUS: O SEU ENSINAMENTO

1. INTRODUÇÃO

Enquanto os filósofos gregos (Sócrates, Platão e Aristóteles) tiveram longos períodos de atividade, o ministério público de Jesus foi relativamente curto (cerca de 2 a 3 anos), e, no entanto, é inegável que a sua influência foi superior à deles. Porquê? Os cristãos diriam que isso se deve ao facto de Ele dar às pessoas a esperança de que as coisas podiam mudar não pelos seus esforços, pelas suas conquistas ou conhecimentos, mas, simplesmente, pela consciência de que Deus é seu Pai.

O centro da pregação de Jesus era o Reino de Deus, do qual o amor constituía expressão fundamental.

2. O REINO DE DEUS

O Reino de Deus (o Reino dos Céus, expressão usada no Evangelho de S. Mateus e usada muitas vezes naquele tempo, para evitar proferir o nome de Deus (recordemos o tetragrama – YHWH, está ligado à raiz hebraica “ser/estar”; com a interpretação com origem no livro do Êxodo: eu sou aquele que sou”), o qual não era pronunciado.

A expressão “reino” era entendida pelos Judeus do seu tempo como espaço, geográfico, político-religioso, poder, mas não era isso que Jesus queria significar. O termo grego “Basileia” significa «reino, reinado, soberania, governo». Mais do que «um estado», o Reino de Deus é o governo de Deus, espiritual, não o exercício do poder.

Mas dizia também que, embora este reino estivesse «próximo», as pessoas deviam procurá-lo e, uma vez encontrado, deviam abandonar tudo por ele, escolhendo entrar nesse reino e confiar em Deus como as crianças confiam nos seus pais. Muitos dos poderosos rejeitavam esta mensagem, mas os pobres e os marginalizados apreciavam-na, porque Deus aparecia, inesperadamente, ao alcance da sua mão. Segundo a tradição cristã, embora este reino estivesse já a chegar, o Reino conheceria uma consumação futura, no “fim dos tempos”. Recordemos as suas características fundamentais:

- É de natureza transcendente (dimensão religiosa e espiritual);
- Tem como essencial uma dimensão escatológica: consuma-se numa fase definitiva, entendida como extratemporal, fora do conceito espaço-tempo;
- Está já presente sobre a terra e a sua fase de crescimento dá-se no tempo histórico;
- É universal, sendo proposto à livre escolha dos seres humanos.

3. UMA PEDAGOGIA MUITO EFICAZ

A pedagogia de Jesus é amplamente reconhecida não apenas pelo seu conteúdo religioso, mas por estratégias didáticas inovadoras que focavam na **transformação de vida** e não apenas na transmissão de conhecimento teórico. Jesus é descrito como um mestre que adaptava o ensino ao público, utilizando o quotidiano para explicar verdades espirituais muito complexas. O método de Ensino apresenta quatro características:

- **Parábolas:** Jesus utilizava histórias simples, baseadas no dia a dia (agricultura, pesca, relações familiares), para ilustrar conceitos profundos sobre o Reino de Deus, tornando o ensino acessível a todos.
- **Aprendizagem Baseada na Realidade:** Ele partia do concreto para o abstrato, utilizando exemplos conhecidos (o joio e o trigo, a ovelha perdida, as moedas em circulação, os peixes) para ensinar.

- **Perguntas Reflexivas:** Jesus frequentemente respondia a perguntas com outras perguntas, incentivando os seus ouvintes a pensar criticamente e a chegar às suas próprias conclusões. Ao contrário de grande parte dos mestres do seu tempo, Jesus não queria que as pessoas se limitassem a memorizar, mas que pensassem pela sua própria cabeça. Por isso fazia perguntas, estimulava a reflexão, usava enigmas e contava parábolas; tudo para apresentar a verdade de um modo novo que desse que pensar.
- **Aprendizagem pelo Exemplo:** Jesus tinha autoridade. O seu ensinamento não era apenas de palavras, como o de muitos dos outros mestres, mas aquilo que dizia era confirmado pelo seu modo de viver e por aquilo que fazia.

4. O ENSINAMENTO DE JESUS A PROPÓSITO DE SI MESMO

Muitos estudiosos dos ensinamentos de Jesus fazem notar uma característica surpreendente: o seu ensino não está centrado na religião nem na moral, mas em si mesmo; esta leitura é dominante na tradição cristã, embora existam outras interpretações. Embora não proclamasse, aos quatro ventos, quem era (porque as pessoas poderiam equivocar-se sobre o tipo de Messias que seria), as suas afirmações e ações, na tradição cristã, foram entendidas como reveladoras de uma identidade divina. Tudo isto se torna evidente:

- No uso da expressão «Eu sou», isto é, o nome próprio de Deus, e a reivindicação de títulos e funções divinos;
- Na sua aceitação do título de «Senhor» e «Deus»;
- No facto de perdoar os pecados, coisa que só Deus podia fazer.

5. A ATITUDE DE JESUS EM RELAÇÃO AO ANTIGO TESTAMENTO

Para Jesus, o Antigo Testamento era a sua «Bíblia» e tomava-a a sério. Nos evangelhos faz pelo menos 40 citações do Antigo Testamento e 70 alusões de outro género, recorrendo, muitas vezes, a ele

para resolver controvérsias. Não rejeitou o Antigo Testamento, embora reinterpretesse profundamente alguns aspetos da Lei. Contestava as interpretações que dele faziam os chefes religiosos. Por isso, os leitores devem procurar não cair na armadilha de separar Antigo e Novo Testamento, porque é uma divisão que Jesus não subscreveria.

6. OS ENSINAMENTOS DE JESUS: NOVA MUNDI-VIDÊNCIA

Dos ensinamentos de Jesus uma parte substancial está condensada no que é vulgarmente designado por “Sermão da Montanha”. O Sermão da Montanha foi, naquele dia em que foi pronunciado, e posteriormente registado, nos Evangelhos de Mateus (designado “Sermão da Montanha”) e de Lucas (designado “Sermão da Planície”) dele se fizeram registo, uma afirmação radical do primado do Amor. É fundamental começar por este ponto.

A sua retórica impele os ouvintes a transfigurarem-se eles mesmos, pessoal e incondicionalmente, numa oferenda. A partir deste Sermão tudo o que teriam a dar ao mundo, e aos outros, era dar-se a si mesmos.

Jesus faz deslocar o eixo da Lei judaica num processo similar ao que a revolução de Copérnico operou ao tirar a Terra do centro do nosso sistema para lá pôr o Sol: com uma simples adversativa, Jesus transporta a Lei do «exterior colectivo» para o «íntimo individual» Já não mais um «nós» externo, farisaico, de práticas públicas, mas uma assunção pessoal, única, recolhida, contemplativa.

Jesus afirma aceitar a lei judaica — «Não penseis que vim abolir a lei e os profetas», garante Jesus à multidão sôfrega —, propondo-se dar pleno cumprimento à tradição, mas renovando-a com um confessado propósito: que os discípulos e a multidão ascendam a uma justiça «superior à dos escribas e à dos fariseus».

A renovação é tão radical que, lido o “Sermão da Montanha”, é legítimo perguntarmo-nos se é possível ver a lei Judaica nesta

radical afirmação do Amor Ágape. O que a Lei de Moisés identificava eram os sinais exteriores do Bem e do Mal, o assassinio ou o adultério, por exemplo. O desafio que Jesus lança do alto da montanha é o de um perturbante e íntimo desafio: a cólera, a fúria interiores, o desejo de que algo possa ferir o outro e o ilegítimo desejo concupiscente são já, nas palavras de Jesus, uma manifestação do Mal e uma quebra do verdadeiro espírito da Lei.

O “Sermão da Montanha” é um ousado mergulho no mais fundo do ser humano. Contrapõe uma ordem antropológica fundada no Amor. Tomando como base o património da «regra de ouro»: reciprocidade positiva cujo lema é «faz aos outros o que desejas que os outros te façam a ti», num gesto de ruptura, Jesus estende aos inimigos o Amor ao outro. Jesus exige mesmo que o Amor ao inimigo seja a manifestação de um modo único de trilhar caminhos de não violência: «A quem te bater numa face, oferece a outra; a quem te obrogar a andar uma milha, caminha duas milhas ao seu lado.». Em absoluto, Jesus é o profeta que absorve a violência, bloqueando todo o desejo de vingança, todo o impulso de retaliação.

Com o Sermão nasce uma novíssima mundividência. Ao mundo da «honra» como máxima virtude, que era o alicerce da ética da Antiguidade Clássica e do Próximo Oriente, um mundo que considerava «uma vergonha» se não limpasse a sua «desonra», ética clássica que estabelece um ininterrupto ciclo de rivalidade e vingança, com os necessários bodes expiatórios e vítimas sacrificiais. Jesus contrapõe e anuncia aqui – «Eu, porém, vos digo» – uma pacificação Não-violenta da sociedade, elegendo a vulnerabilidade humana e o «perdão» como princípios fundadores. A estrutura do Sermão contém:

- As bem-aventuranças como pórtico de entrada (5,3-12);
- Um conjunto de preceitos éticos (5,13-20; 7,1-6; 7,13-23);
- O contraste entre o ensinamento de Jesus e o legalismo do Judaísmo (5,21-29);
- O ensinamento de Jesus sobre a esmola, a oração e o jejum (6,1-18; 7,7-12);
- Exortações a colocar Deus em primeiro lugar e a confiar nele em tudo (6,19-34);

- A importância de não se limitar a ouvir o seu ensinamento mas a pô-lo em prática (7,24-29).

7. PARÁBOLAS, ALEGORIAS, COMPARAÇÕES

Parábolas é a designação genérica que engloba textos em forma de parábolas, alegorias e comparações. As parábolas de Jesus eram histórias extraídas da vida quotidiana, mas com um significado mais profundo, por vezes evidente, por vezes oculto. As parábolas, em geral, ilustram uma única noção, pelo que é bom evitar procurar nelas significados ocultos, que provavelmente não existem. Analisar em pormenor as parábolas é como procurar explicar uma anedota: só a estraga, contudo, é muitas vezes nos detalhes que se descobrem verdadeiras pérolas do que à arte de ensinar respeita. Seguidamente se apresenta uma das várias possibilidades de agrupar o conjunto de parábolas registadas nas quatro versões do Evangelho de Jesus.

A - Parábolas do Reino de Deus	
O semeador	Mt 13,3-9; Mt 13,18-23. Mc 4,3-9; Mc 4,13-20. Lc 8,4-8; Lc 8,11-15.
A semente que germina	Mc 4,26-29.
O grão de mostarda	Mt 13,31-32. Mc 4,30-32. Lc 13,18-19.
O fermento e a massa	Mt 13,33. Lc 13,20-21.
O tesouro escondido	Mt 13,44.
A pérola preciosa	Mt 13,45-46.
O trigo e o joio	Mt 13,24-30; Mt 13,36-43.
A rede	Mt 13,47-52.

B - Parábolas sobre as relações com Deus	
Os dois devedores	Lc 7,41-42.
O amigo importuno	Lc 11,5-8.
A figueira estéril (paciência de Deus)	Lc 13,6-9.

A figueira estéril (fé no poder da oração)	Mt 21,18-21. Mc 11,12-14.
O juiz iníquo e a viúva	Lc 18,1-8.
O fariseu e o publicano (cobrador de impostos)	Lc 18,9-14.
O bom servidor	Lc 17,7-10.

C - Parábolas sobre o comportamento para com o próximo

O servo implacável	Mt 18,23-35.
O Juiz e o adversário	Mt 5,25-26. Lc 12,57-59.
O bom samaritano	Lc 10,29-37.
A ovelha tresmalhada	Mt 18,12-14 Lc 15,4-7.
A dracma perdida	Lc 15,8-10.
O filho pródigo	Lc 15,11-32.
A escolha dos lugares	Lc 14,8-11.

D - Parábolas sobre o uso dos bens deste mundo

O administrador astucioso	Lc 16,1-8.
O rico insensato	Lc 12,16-21.
O rico opulento e o pobre Lázaro	Lc 16,19-31.
O construtor da torre	Lc 14,28-30.
O rei que pensa bem antes de iniciar uma guerra	Lc 14,31-33.

E - Parábolas sobre o futuro destino religioso de Israel

As crianças na praça	Mt 11,16-19. Lc 7,31-35.
Os trabalhadores da vinha	Mt 20,1-16.
Os dois filhos enviados para a vinha	Mt 21,28-32.
Os vinhateiros homicidas	Mt 21,33-44. Mc 12,1-11. Lc 20,9-16.
Os convidados incorretos	Lc 14,15-24.
O banquete nupcial do filho do Rei	Mt 22,1-10. Lc 14,15-24.
A falta da veste nupcial	Mt 22,11-12.

F - Parábolas sobre a consumação do Reino	
Os servos vigilantes	Mt 24,42-51. Lc 12,35-40.
Porteiro que vigia	Mc 13,33-37.
O ladrão da noite	Mt 24,43-44. Lc 12,39-40.
Os dois administradores	Mt 24,45-51. Lc 12,42-46.
As dez virgens	Mt 25,1-13.
As minas	Lc 19,12-27.
Os talentos	Mt 25,14-30.
Lição da figueira	Mt 24,32-33. Mc 13,28-29. Lc 21,29-31.

G – Outras Parábolas	
Perigo de recaída	Mt 12,43-45. Lc 11,24-26.
A casa sobre a rocha ou sobre a areia	Mt 7,24-27. Lc 6,47-49.
valorizar as tradições antigas e os novos ensinamentos	Mt 13,52.
O novo e o velho (pano/vinho)	Mt 9,16-17. Mc 2,21-22. Lc 5,36.

8. CONCLUSÃO

Jesus era, muitas vezes, chamado «mestre» ou «rabi», mas as pessoas não poderão chamá-lo verdadeiramente assim, enquanto se limitarem a ouvir os seus ensinamentos sem os pôr em prática. É esta a essência do seu ensinamento.